



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
07 a 10 de agosto de 2011- Salvador, BA

GT 05- Morfologia do Protesto Social no Espaço Afro-Luso-Brasileiro: desafios teóricos e metodológicos

REDES SOCIAIS E MEDIAÇÃO NO “MOVIMENTO NEGRO DE SERGIPE”

Maria Erica Santana de Souza
Universidade Federal de Sergipe
e-mail: mariaericasantana@yahoo.com.br



Salvador
2011

INTRODUÇÃO

A temática abordada neste *paper* insere-se no campo de estudo da “sociologia dos movimentos sociais”. Entre as questões centrais de interesse, destacamos, por um lado, a compreensão das lógicas de investimentos militantes, as motivações individuais, as predisposições, as retribuições específicas e, por outro lado, os efeitos das condições políticas sobre os engajamentos individuais. Para dar conta desses questionamentos, recorreremos a abordagens que dão ênfase ao *background* social dos agentes, a seu contexto relacional, bem como às estruturas de oportunidades políticas.

Os resultados expostos aqui fazem parte de uma pesquisa, ainda em curso, cujo interesse principal é analisar os processos de engajamento individual de militantes que assumiram cargos no governo estadual, em municípios, em assessorias políticas e consultorias em eventos executados pelos governos estaduais e municipais. Tratava-se de investigar, assim, o impacto das condições sociais, culturais (contexto familiar, escolar), relacionais (inserção em diferentes redes sociais) e das oportunidades ou restrições de acesso institucional sobre as formas de engajamento individual no “movimento negro de Sergipe”. Especificamente, nos perguntamos quais os recursos sociais e culturais que levaram algumas lideranças do “movimento negro de Sergipe” a postos da administração pública sergipana a partir dos anos 2000.

Nesta investigação, partimos do pressuposto de que a institucionalização do “movimento negro” amplia as formas de mobilização e restringe a participação de novos militantes, tornando-a mais centralizada e profissionalizada (PASSY, 1998). Também pressupomos que as redes de relações pessoais estabelecidas ao longo dos itinerários dos militantes analisados os conduziram a outras formas de mobilização e intensificação de seu engajamento pela “causa negra”, neste caso, levando a assumir cargos na administração pública (PASSY, 2001 e 1998; DIANI e DELLA PORTA, 2006; FILLIEULE, 2001).

Com isso, nosso objetivo é compreender como a mobilização do “movimento negro sergipano” se modifica ao longo do tempo, quais os mecanismos por trás de tal processo. Assim, não examinaremos a mobilização atual deste movimento como algo isolado e autônomo de outras esferas sociais, como a dos partidos políticos, por exemplo. Ao contrário, ela se faz a partir do entrelaçamento e das negociações em diversos contextos sociais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Uma noção que tenta dar conta dessas diversas etapas para se pensar a ação coletiva e suas dinâmicas é a de “carreira militante” (FILLIEULE e PUDAL, 2010; FILLIEULE, 2001). Com base nesta noção, podemos identificar, por meio de narrativas individuais, entendidas à luz de um conjunto de estruturas políticas, os diversos processos que resultam no engajamento individual. Neste sentido, a extensão, intensificação ou o desengajamento são apreendidos a partir das experiências sucessivas ao longo dos itinerários individuais. Fillieule articula algumas teorias que compartilham o interesse de tornar os movimentos sociais inteligíveis, seja por meio da origem social dos militantes, das redes de relações sociais ou pelo “corte” do período político estudado.

Neste trabalho, a concepção de “engajamento é utilizada a partir de uma perspectiva “processual” e “configuracional” (FILLIEULE, 2010). Isso quer dizer que, no momento da realização da pesquisa, os militantes analisados já passaram por diversos processos de socialização e por diferentes experiências que os conduziram a assumir posições em diferentes etapas da sua vida. O “engajamento individual”, portanto, não deve ser pensado como algo estático, mas como um processo suscetível a mudanças, que passa por etapas de intensificação, afastamentos temporários ou mesmo desengajamento dos indivíduos. Sendo assim, devemos relacionar as justificativas dos indivíduos com as experiências passadas e presentes em contextos específicos nos quais eles se inseriram ao longo de seus itinerários sociais.

Para a delimitação do universo empírico, consideramos militantes com algum tipo de atuação na esfera estatal, seja exercendo cargos em secretarias ou coordenadorias de combate ao racismo, como assessores políticos, ou prestando consultoria em eventos promovidos por estas mesmas secretarias ou coordenadorias. Assim, a população analisada consiste em onze lideranças do “movimento negro sergipano”. Oito indivíduos exercem funções em secretarias ou coordenadorias com recorte racial, dois são assessores de políticos e um participa ativamente de atividades promovidas pelo governo estadual.

As informações necessárias para o desenvolvimento da nossa pesquisa têm sido coletadas a partir de entrevistas biográficas, de observação direta e através de material histórico sobre a relação entre o Estado sergipano e os movimentos sociais. A análise recai sobre questões relacionadas, de um lado, às origens sociais e geográficas do grupo familiar e condições de socialização dos indivíduos analisados, escolarização, experiências políticas, relação com partidos políticos, esfera de atuação profissional e reconstituição de redes de relações sociais, funções e cargos ocupados nas organizações e fora dela. De outro lado, as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

oportunidades de intensificação da militância (contexto político favorável) e os acontecimentos que ajudaram na tomada de decisão de assumir a defesa de uma “causa social” ou de mudar a posição em uma estrutura social.

Como a pesquisa de dados que resultará em uma dissertação está em curso, apresentaremos alguns resultados iniciais deste estudo, mas que ainda serão mais desenvolvidos. Assim, organizamos este *paper* em dois tópicos. O primeiro consiste na apresentação das características sociais dos militantes analisados e o papel das redes sociais no recrutamento em organizações do “movimento negro sergipano”. Num segundo tópico, discuti-se a multiposicionalidade dos militantes avaliados.

Disposições e redes sociais no processo de engajamento individual

Diversos trabalhos sobre militância (BOURDIEU, 2008; PASSY, 2001; e CORADINI, 2002; OLIVEIRA, 2007; REIS, 2008; SEIDL, 2009), de forma geral, mostram que as inclinações para se engajar em uma causa são constituídas desde a socialização familiar e que os recursos escolares funcionam como um dos principais instrumentos de acesso aos espaços políticos. Da mesma forma, os espaços escolares são importantes arenas de socialização política. Estas disposições, é preciso deixar claro, só serão acionadas de acordo com diferentes contextos sociais. As disposições sociais ao engajamento político serão examinadas neste trabalho como causa provável do desenvolvimento de uma sensibilidade para se engajar em uma “causa dos negros”. A socialização só faz sentido, aqui, se inserida dentro da análise de redes sociais, pois a predisposição para militar por uma causa só será acionada de acordo com os laços pessoais (amigos, familiares) estabelecidos ao longo da sua vida (PASSY, 2001 E 1998).

Analisando a socialização familiar dos entrevistados, percebemos que a maioria conviveu em um ambiente familiar em que parentes próximos tinham envolvimento com algum tipo de atividade coletiva, com exceção de dois militantes. A maioria, desde criança, teve contato com o ambiente coletivo das religiões afrobrasileiras, outros conviveram com parentes próximos envolvidos com partidos políticos e com os problemas do seu bairro. Além disso, quase todos os entrevistados apresentam origens sociais baixas. Inicialmente, afirmam não ter nenhuma ou causa nenhuma consciência do “preconceito racial” e de “classe social”, mas ao envolver-se, posteriormente, com algum tipo de mobilização coletiva, surge o interesse pela discussão sobre “preconceito” na sociedade brasileira, segundo seus relatos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A presença de lideranças e adeptos de religiões afrobrasileiras no universo familiar dos militantes é uma dimensão relevante na trajetória destes. A orientação religiosa dos pais e parentes próximos é uma forma de incorporação de valores vinculados a cooperação, caridade, propiciada pelo ambiente; além disso, a ligação com este tipo de religião é um recurso muito aceito e valorizado na militância da causa negra em Sergipe.

Ter convivido desde cedo com parentes próximos envolvidos com atividades coletivas provavelmente não foi a causa direta do envolvimento posterior destes indivíduos, mas pode ser uma pré-condição para o desenvolvimento de identidades coletivas. Além disso, a origem geográfica (região do Cotinguiba e baixo Cotinguiba¹) e a presença de adeptos de religiões afrobrasileiras na esfera familiar, hoje servem de recurso simbólico de legitimação dentro do “movimento negro sergipano”. Como acontece no interior da Igreja católica, segundo Seidl (2008), pertencer a uma “família religiosa” é um recurso importante para ocupar posições dentro da esfera católica. Contudo, este recurso dificilmente seria reconvertido em outra esfera social. Algo semelhante acontece no “movimento negro sergipano”, pois se dizer próximo de uma religião afrobrasileira ou herdeiro de um terreiro é uma das condições legítimas para falar em nome da população negra.

Se, por um lado, a socialização familiar é apontada como um estímulo importante de interesse pela política, por outro, o recurso escolar é assinalado como um dos principais instrumentos para se sentir competente para falar de política. Segundo Bourdieu (2008), a probabilidade de tomada de posição acerca de assuntos políticos depende basicamente do capital cultural. Coradini (2002), por seu turno, mostra que a esfera escolar aparece como um dos principais espaços de formação de redes de interconhecimento e interdependência, assim como instrumento importante para a intervenção em movimentos sociais e na disputa de cargos políticos. Nesta perspectiva, tentamos, em primeiro lugar, apreender a esfera escolar como um espaço importante na aquisição de competência política - incorporação de códigos do campo político -, mas também como um espaço propício para atualizar disposições já adquiridas anteriormente, em outras esferas. Em segundo lugar, investigamos a instrumentalização da escolarização superior.

Na adolescência, os entrevistados tiveram suas primeiras experiências como militantes. Isso ocorreu em contextos distintos: no âmbito escolar, em movimentos sociais, grupos de discussões da universidade, grêmios escolares, entre outros. Nestes primeiros contatos,

¹ Esta região reúne um conjunto de Municípios sergipanos, no litoral, marcados pelo intenso cultivo da cana-de-açúcar e pelo trabalho escravo no passado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

eles são lançados em redes de militância. Estas inserções dão início a uma cadeia de envolvimento com organizações coletivas, alguns, desde o início, com o “movimento negro”, e outros, com outros tipos de movimentos sociais. Estas ligações lhes permitem acumular um importante capital de relações sociais, que refletirá na locomoção destes indivíduos em diferentes esferas da militância. Inclusive, permitirá maior prestígio dentro do “movimento negro”. A experiência em outras atividades coletivas possibilita o desenvolvimento de novas concepções políticas e informações necessárias para ganhar certa independência e criar sua própria organização.

Sobre a instrumentalização do diploma universitário, os militantes argumentam que o “conhecimento teórico” adquirido na universidade, deve estar vinculado à “prática”. A universidade é criticada por oferecer uma didática tradicional, pautada pela formação técnica desvinculada do “compromisso” com a “realidade social”. Sem esta relação a formação universitária servirá apenas para formar técnicos, sem “consciência social”. Segundo Pécaut (1990), a relação entre profissão e compromisso com a realidade é uma característica da intelectualidade brasileira. Segundo o autor, a legitimidade do intelectual brasileiro não está vinculada à detenção de títulos, mas ao saber prático. Dito de outra forma, os intelectuais competentes são aqueles que detêm a capacidade de *definir o social e explicar as condições da sua organização* (PÉCAUT, 1990, p. 33).

Assim, a inserção na universidade é entendida como um recurso importante de intervenção social, em que o título serve para ampliar as condições de disputa pelo poder. Para alguns militantes, o título universitário é um complemento a sua atuação na “realidade social”, pois o ingresso em uma universidade seria uma espécie de formalização daquilo que já conhecem. Desta forma, obter um título seria como um ingresso para algumas esferas sociais. Em entrevista, o líder do grupo Quilombo fala sobre isso:

Eu estou fazendo meu TCC em *abiã*. *Abiã* é uma palavra em iorubá e significa o começo de um novo caminho, de uma nova vida espiritual. O título é: “Abiã: um ritual de passagem para cotas afirmativas e educação para igualdade racial” [...] Se eu chegasse antes, se não fosse TCC, mas se eu comentasse com as pessoas que estava fazendo este processo ninguém lhe daria credibilidade [...] Esta é a relação que eu penso da academia, da não academia e principalmente em relação a cultura africana porque eu teria condições de discutir com qualquer pessoa, com qualquer faculdade, chegar numa faculdade falar sobre cultura, explicar, é, dá aula, sem precisar da academia [pela experiência, né?] exato [...]. (Coordenador do grupo Quilombo. Entrevista com a autora, 03/12/2008).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O diploma também se apresenta como um recurso para ocupar espaços de poder. Esta concepção da instrumentalização do diploma está presente no discurso de alguns militantes, seja em entrevistas ou em discursos proferidos em eventos. É um tipo de estratégia de alguns grupos, em que o objetivo principal é assumir cargos públicos, na secretaria de combate ao racismo do governo estadual ou federal, por exemplo.

[...] Com o avanço do movimento negro, precisaria de técnicos para está elaborando... Porque desde a década de 80, uma das estratégias do “movimento negro” foi está colocando, inserindo seus militantes negros na universidade para que ele tivesse um discurso qualificado, para que eles fossem militantes realmente qualificados, para **estarem tomando os espaços de poder** e para aprender a reler e reescrever sua própria história de uma forma mais técnica [...]. (Coordenadora CONEN/SE. Entrevista com a autora, 18/11/2008).

Todos estes processos descritos até aqui são importantes para compreendermos por que alguns indivíduos tomam a decisão de militar pela “causa negra”. De acordo com Passy (2001), as decisões individuais têm um papel fundamental no momento de escolher se irão participar ou não, mas estes indivíduos sozinhos não vão decidir isso. É a partir da incorporação de percepções em diversas redes sociais e também a partir da oportunidade de acessar estes universos que um indivíduo envolve-se em uma causa social.

Um ponto destacado por autores como Passy (2001), Diani (2003) e McAdam e Paulsen (1993) é a importância das redes sociais para o recrutamento de novos militantes. Assim, demonstra-se a relevância dos contatos pessoais, da família, do círculo de amigos, colégio, universidade, grupos religiosos, entre outros, no momento do recrutamento. Da mesma forma, Diani e Della Porta (2006) argumentam que as redes informais não são importantes somente para a entrada, mas também agem como suporte para a manutenção do movimento social. Mas é preciso deixar claro que esta não é a única forma de recrutamento. Outras formas também, como palestras, mensagens através de meios de comunicação, panfletos, são vias de recrutamento de novos militantes.

No final da década de 60, o recrutamento de militantes era realizado pelo GRFACACA (Grupo Regional de Folclore e Artes Cênicas Amadoristas Castro Alves), atual Casa de Cultura Afossergipana. Já no início da década de 90, a principal organização que tinha condições financeiras e prestígio para recrutar militantes para atuar na causa negra era a SACI (Sociedade Afossergipana de Estudos e Cidadania). De acordo com informações de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

entrevistados e da literatura sobre o “movimento negro sergipano” (DANTAS, 2003; NEVES, 2004), as duas entidades foram os principais espaços de formação de militantes negros em Sergipe. Além destas entidades, alguns grupos de capoeira, de religião afrobrasileira - outras organizações do “movimento negro” -, também foram importantes na formação de novos militantes. Atualmente há várias organizações que tentam recrutar novos militantes.

O processo de recrutamento dos militantes entrevistados ocorreu através, principalmente, de redes de amizade e, em casos reduzidos, através dos laços familiares. Portanto, as redes pessoais são elementos importantes para entendermos a aproximação destes militantes no movimento negro. Os entrevistados afirmam terem sido levados até uma entidade para conhecer, sem compromisso, o trabalho desenvolvido pelos voluntários. Neste momento, eles são motivados a conhecer o trabalho dos ativistas, passam a receber incentivos para participar como ativistas e não somente como simpatizantes. No depoimento do líder da UNEGRO/SE este processo aparece claramente:

[...] Em 95, né, aí foi aí que se deu meus primeiros contatos com o pessoal do “movimento negro”[...] participei de um projeto, que eles tinham, chamado OWÉ, O-W-É, que significa comunidade em Iorubá. E aí eu fui lá participar, fazia aula de canto [fazer ou ministrar?] Fazer [aonde?] na sede da SACI, no bairro industrial. E a partir desse projeto eles fazem oficinas de promotores legais, né, momento de discussão mais aprofundado sobre a questão da defesa dos direitos humanos dos negros, né. **Era um processo de formação de pessoas para atuar no movimento negro**, aí eu começo a participar desse processo. É um período, acho que, de dois anos, né, todo mês tinha um encontro, eram vários módulos [...] ali eu tive um primeiro contato com o movimento e sumi. Aí a partir desse projeto eu volto depois de um ano. (Coordenador da UNEGRO/SE. Entrevista, 2008).

O recrutamento, em alguns casos, começa mesmo antes de o futuro militante ir até uma organização. Uma entrevistada revelou ter sido colega de trabalho de um dos principais líderes do “movimento negro de Sergipe”. Ela informou que, naquela época, recebia livro emprestado sobre o movimento negro, era convidada a conhecer a entidade dele. Em outro caso, a futura líder da entidade OMIN diz ter sido influenciada pelo vizinho militante. Ela assistia a vídeos de capoeira, recebia livros emprestados por ele sobre o movimento negro.

Quando me descobri enquanto mulher negra eu tinha aproximadamente uns 18, 19 anos. Eu tinha um amigo, aliás, dois amigos. Eu tenho um amigo que começou a namorar com uma amiga minha, que ele começou a levar vídeos de capoeira angola par a casa dela [...] e aí ele me apresentou uns vídeos de capoeira angola do grupo Abaô, que é um grupo que nasceu dentro da SACI,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

e começou a me chamar para ver as rodas na SACI. E aí eu comecei a perceber que lá tinham pessoas que assumiam sua identidade negra e foi muito importante pra mim me descobri como mulher e negra, através da capoeira angola [...] (Coordenadora da entidade OMIN. Entrevista com a autora, 02/03/2009).

A partir deste processo, os entrevistados assumem o que eles chamam de “identidade negra” e se sentem parte também deste novo grupo no qual se inserem. Contudo, alguns iniciam a militância negra sem abandonar a anterior; outros, conhecem o universo dos partidos políticos ou outros movimentos sociais a partir dos laços desenvolvidos no “movimento negro”. Então, pensar o “movimento negro de Sergipe” a partir das redes sociais nos permite compreender as divisões e conflitos internos, pois temos indivíduos com experiências diferentes e, portanto, também concepções diferentes sobre formas de militância e estratégias de ação, que se refletem nos desacordos dentro do “movimento negro”.

De forma geral, os laços pessoais de amizade são elementos importantes para entendermos com se deu o recrutamento de novos militantes no “movimento negro de Sergipe”. A inserção no movimento ocorre por mediações de indivíduos já ligados às redes do movimento. Estes mediadores podem está localizados tanto à margem das redes quanto no centro delas.

Multiposicionalidade e mediação

Quando nos aproximamos do universo da militância negra, rapidamente percebemos conflitos entre algumas organizações, o que provocava certo afastamento entre seus membros. Mas estes conflitos não impediram o desenvolvimento de um sentimento coletivo em torno do que consideram ser a “identidade negra” e o “movimento negro sergipano”. Portanto, há um contexto de interconhecimento pautado em uma identidade compartilhada, com orientações e objetivos em comum, como a “reparação dos danos sofridos pela população negra escravizada”. Porém, eles discordam em relação às “estratégias adequadas” para alcançar este objetivo. Este desacordo pode ser entendido, a partir da análise de redes, em decorrência dos pertencimentos a diferentes redes de ação coletiva.

Segundo Diani (2003), é importante identificarmos o tipo de estrutura das redes para, então, explicarmos a posição específica dos indivíduos. Para o autor, existem algumas dimensões importantes presentes em qualquer estrutura de movimentos sociais, a saber, as oposições entre estrutura descentralizada e hierárquica e a estrutura segmentada e integrada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Estas dimensões podem derivar diferentes estruturas de redes, desde os padrões de redes com concentração de poder entre alguns indivíduos específicos até aqueles padrões de rede em que há maior segmentação do poder. Diani desenvolveu alguns tipos de estruturas de rede a partir destas dimensões. O modelo que nos interessa aqui é o “policephalous Movements”, pois é o tipo de rede mais próxima da estrutura de relações do “movimento negro” sergipano. O autor descreve este tipo de rede como parcialmente centralizada e parcialmente segmentada.

Sua estrutura resulta, por um lado, do distanciamento de alguns membros do movimento; por isso, é parcialmente segmentada. Por outro lado, alguns indivíduos mantêm maior número de laços em diferentes redes sociais. O envolvimento em diferentes redes pode proporcionar a alguns indivíduos uma posição privilegiada para controlar outros membros. Desta forma, alguns indivíduos podem ser mais influentes em determinada rede. Pensando em termos de relações horizontais e verticais, esta estrutura de rede deve ser tomada como a mescla de ambas, pois tanto há relações horizontais - uma vez que os ativistas se engajam em atividades coletivas sem delegar a tarefa a um líder -, como também relações verticais, em que indivíduos mais influentes se deslocam para posições mais centrais.

O “movimento negro” é constituído por várias organizações, em que há uma ou mais figuras que se destacam. Entre estes líderes há, também, aqueles que se deslocam para uma posição de ainda mais visibilidade, assumindo postos nas secretarias de combate ao racismo do Estado e municípios. Isso ocorre com mais intensidade, como indica Neves (2004), a partir dos anos 2000, quando militantes se envolvem nas eleições para cargos executivos ou cargos públicos no PT, seja na prefeitura ou no governo federal. Neste sentido, por estarem numa posição de controle e de mediação entre governo e população, governo e militantes semiperiféricos, eles assumem posições de destaque no movimento.

De forma geral, o que diferencia os militantes mediadores dos semiperiféricos é a intensidade das relações fora dos limites do “movimento negro de Sergipe”, a saber, o universo dos partidos políticos, sindicatos e outros movimentos sociais. Para os últimos, a ideia de militância está associada à lealdade, ao voluntarismo e desinteresse. Desta forma, desde o início, militam em entidades do “movimento negro” e não desenvolvem nenhum vínculo mais forte fora dele. Ao contrário destes, os mediadores atuam intensamente em outras esferas, principalmente em partidos políticos.

Os múltiplos pertencimentos dos indivíduos analisados a diferentes redes de relações os conduziram a uma determinada posição dentro da esfera de sua atuação. A ocupação de cargos em secretarias do governo do estado e do município de Aracaju é obtida, basicamente,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

através do acúmulo de experiências durante anos de militância e também através do vínculo partidário. Sendo assim, o recurso escolar não é um instrumento decisivo para ocupar o cargo público, mas é um instrumento importante de reconhecimento. É um instrumento de legitimação. F., assessor I da COPPIR, formado em pedagogia depois dos 30 anos de idade, militante da causa negra desde os anos 80 e também militante do PT, diz ter sido indicado para o cargo por causa da sua história no “movimento negro” (Coordenador do Quilombo. Entrevista com a autora, 03/12/2008).

Estas posições diferentes provocam discussões entre os militantes. Por um lado, aqueles que consideram o envolvimento com partidos políticos uma forma de tornarem-se dependentes dos interesses do partido e de políticos específicos, portanto, não consideram esta aproximação uma boa estratégia. Por outro lado, os mediadores acreditam que a melhor estratégia de combate ao racismo é participar das decisões do governo e poder impor suas próprias ideias através de políticas públicas.

Desta forma, o pertencimento a um número maior de redes proporcionou algumas retribuições para os mediadores. A atuação destes militantes, como principais lideranças no “movimento negro” ou como militantes profissionais, uma vez que se dedicam exclusivamente a “causa dos negros” e são remunerados por desempenharem cargos específicos, pode ser compreendida como um tipo de mobilização de recursos sociais através do capital social. Assim, a partir das redes também podemos entender por que diferentes indivíduos obtêm rendimentos desiguais de diferentes capitais (BOURDIEU, 1998)².

Segundo os resultados dos trabalhos de Oliveira (2007 e 2008), o acúmulo de experiências em diferentes esferas pode acarretar retribuições específicas, oferecidas por cada tipo de engajamento. Neste sentido, a atuação profissional de alguns dirigentes pode ser compreendida como um tipo de reconversão profissional com base nas redes sociais. Ou melhor, em alguns casos há uma instrumentalização de alguns recursos, como o escolar e, principalmente, o capital militante³, os quais conduzem a algum tipo de exercício profissional, seja através de cargos públicos, burocráticos ou através de assessoria e consultoria na área em

² O capital social: conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns... mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998:67).

³ No texto “O capital militante”, Matonti e Poupeau (2006) tentam uma definição deste tipo de capital. Para eles, o capital militante é um recurso adquirido em vários espaços sociais, seja na esfera familiar, escolar, religiosa ou na passagem por partidos políticos, movimentos sociais. Portanto, não se trata de pensar o capital militante como um processo constituído apenas no campo político. Neste sentido, o capital militante é a incorporação, pelos agentes, de disposições adquiridas em diferentes espaços sociais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que o militante atua. De forma semelhante, percebemos a mobilização dos recursos acumulados pelos indivíduos analisados para a aquisição de cargos públicos e outras atividades ligadas à atuação da causa negra. Estes tipos de atividades são, em alguns casos, suas principais atuações profissionais.

Entre os mediadores do “movimento negro de Sergipe”, a inserção em diversos grupos sociais proporcionou o acúmulo de um capital de relações considerável que os conduziram a atuação em secretarias do governo e municípios. Alguns anos de militância negra e o vínculo com o PT, principalmente, foram decisivos para a posição atual destes mediadores. Com a criação de secretarias específicas de combate ao racismo no governo do PT em Sergipe, aqueles militantes que atuavam também neste partido ou tinham relações com alguns políticos foram selecionado para participar como coordenadores destas secretarias. Portanto, o capital social obtido simultaneamente no “movimento negro” e no partido político foi reconvertido em capital simbólico e econômico, uma vez que a principal atividade profissional é a coordenação em secretarias de combate ao racismo.

CONCLUSÕES

Como observamos, a institucionalização do “movimento negro de Sergipe” é um processo que deve ser pensado a partir de uma análise que conjugue duas dimensões principais. De um lado, as transformações do contexto político e social em que os militantes transitam. De outro, a partir do exame dos itinerários individuais, uma vez que mediadores com engajamento múltiplo apresentam-se como canal de intersecção entre as várias esferas de ação coletiva. Portanto, são responsáveis pelo desenvolvimento de novas identidades e formas de ação coletiva (MISCHE, 1997).

Esta nova dinâmica não pode ser pensada sem se levar em conta o papel de mediadores capazes de articular contextos com interesses diferentes. Até agora, os itinerários dos entrevistados apresentam militância múltipla e capital militante, construído a partir de diferentes redes de militância em Sergipe, principalmente em partidos políticos como o PT e PCdoB. Tudo indica que tais militantes ao obter uma posição influente na esfera dos partidos políticos aumenta as chances de assumir cargos em secretarias e coordenações de combate ao racismo.

Referências bibliográficas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BOURDIEU, P. Cultura e política. In: BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre/RS: Zouk, 2008, p. 371-433.

_____. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 65-70.

DANTAS, Paulo S. **Construção de identidade negra e estratégias de poder: o movimento negro sergipano na década de 1990**. 2003. Dissertação (Mestrado em ciências sociais)-Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DIANI, Mario. Networks and Social Movements: a research programme. In: DIANI, Mario and McADAM, Doug. (eds.). **Social Movements and Networks. Relational approaches to collective action**. New York: Oxford University Press, 2003, p. 299-319.

_____; DELLA PORTA, Donatella. Individuals, Networks, and Participation. In: **Social Movements: an introduction**. Malden: Blackwell Publishing, 2006, p. 114-134.

CORADINI, Odaci L. Escolarização, militância e mecanismos de “participação” política. In: HEREDIA, B. M. A.; TEIXEIRA, C. C.; BARREIRA, I. A. F (org.). **Como se fazem eleições no Brasil: estudos antropológicos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002, p. 103-153.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l’engagement individuel. **Revue Française de Science Politique**, nº 1-2, 2001, p. 199-215.

_____; PUDAL, B. Sociologie du militantisme: Problématisations et déplacement des méthodes d’enquête. In: FILLIEULE, O.; AGRIKOLIANSKY, E; SOMMIER, I. (Direction). **Penser les mouvements sociaux: conflits sociaux et contestations dans les sociétés contemporaines**. Paris: La Découverte, 2010, p. 163-184.

GOIRAND, Camille. Movimentos sociais na América Latina: elementos para uma abordagem comparada. **Estudos Históricos**, v. 22, n. 44, p. 323-354, julho-dezembro de 2009.

McADAM, D; PAULSEN, R. Specifying the relationship between social ties and activism. **American Journal of Sociology**, vol. 99, n. 3, p. 640-667, november, 1993.

MATONTI, F.; POUPEAU, F. O capital militante: uma tentativa de definição. **Revista Plural**, São Paulo, n. 13, p. 127-133, 2º semestre 2006.

NEVES, P. S. da Costa. **Ação política entre reconhecimento e redistribuição: os dilemas da luta anti-racista no Brasil**. Trabalho apresentado no XXVIII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu, 2004.

OLIVEIRA, Wilson J. F. Elites culturais, militância e participação na defesa de causas ambientais. In: CORADINI, O. L. (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes**. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 103-128.

_____. Formas precárias de emprego, atuação em ONG’s e inserção profissional. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 12, n. 3, p. 141-160, jul.-dez. 2007.

PASSY, Florence. **L’Action Altruiste**. Paris-Genève: Droz, 1998.

_____. Socialization, recruitment, and the structure/agency gap: a specification of the impact of networks on participation in social movements. **Review Mobilization**, v. 6, n. 2, p. 173-192, 2001.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

REIS, Eliana T. dos. A “arte” da intervenção política: carreiras e destinos de protagonistas que “lutaram contra a ditadura” no Rio Grande do Sul. In: CORADINI, O. L. (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes**. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 43- 60.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **Revista Pro-posições**, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio-ago. 2009.

_____. Entrando no mundo da Igreja: o estudo de elites eclesiásticas. In: CORADINI, O. L. (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes**. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 19-42.

SAWICKI, Frédéric. Les Temps de L’Engagement. In: LAGROYE, J. **La Politisation**. Paris: Belin, 2003, p.123-146.